



CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

Filosofia



Ensino Médio
MÓDULO I

Unidade I

Surgimento da Filosofia

No período em que se estudavam os mitos, suas origens, desenvolvimento e significado existiam várias formas de tornar compreensíveis surgimento de todas as coisas.

Houve um momento em que tais explicações deixaram de ser suficientes para levar as pessoas, seja por meio da razão ou de provas incontestáveis, a acreditarem em tais explicações.

Surgiu então a **filosofia**, uma forma de conhecimento capaz de explicar as diversas mudanças e maravilhas que ocorriam na natureza, pois a mitologia – ciência que estudava os mitos – já não conseguia mais dar conta de explicar fatos que nem mesmo ela, com toda sua sabedoria, conseguiam compreender.

Apesar das contradições da mitologia, a filosofia nasceu fortalecida por fatos históricos que aconteceram e contribuíram para esclarecer as diversas modificações ocorridas.

Os fatos históricos acima citados e que fortaleceram o avanço da filosofia foram:

Viagens marítimas – navegando por territórios antes desconhecidos os gregos perceberam que as criaturas imaginárias criadas pela mitologia grega não eram reais e que também não existiam deuses em outras regiões, como sugeria a mitologia e sim seres humanos. Também concluíram que os mares não eram moradia de monstros e outros seres. Com as viagens o mundo perdeu seu caráter mítico ou lendário, os exploradores descobriram um mundo repleto de belezas e conhecimentos, seu surgimento foi sendo esclarecido pouco a pouco, mistério este que a mitologia já não conseguia explicar.

Invenção do calendário – Os gregos aprenderam que era possível contar o tempo das estações do ano, definindo quando e de que forma aconteciam as mudanças do clima e do dia, notando que o tempo passava por transformações espontaneamente e não por intervenções divinas.

Invenção da moeda – Os gregos aprenderam a arte de negociar, não mais se efetuava a venda de uma mercadoria aceitando como pagamento a troca por mercadoria semelhante, o pagamento tornou-se monetário, ou seja, a moeda substituiu o poder de troca.

Surgimento da vida urbana – O desenvolvimento da cidade trouxe aos gregos uma situação financeira mais igualitária, o prestígio social que antes era benefício de apenas algumas famílias diminuíram, assim como o prestígio que detinham. As artes ganharam patrocinadores, estimulando assim o surgimento de novos artistas. **Invenção da escrita alfabética** – O uso do alfabeto fez com que os gregos se expressassem de forma mais clara, colaborando para que suas ideias fossem melhor compreendidas e difundidas pelo mundo afora, levando a sabedoria as pessoas.

Invenção da política – Surgiram novas fontes de informação, a lei passou a abranger muitas outras coisas e chegou até as pessoas, criou-se uma área pública voltada para discursos e debates, local no qual os gregos debatiam e propagavam suas ideias a respeito da política.

A filosofia chegou timidamente, tentando mostrar à humanidade que o mundo não era perigoso e cheio de monstros como a mitologia pregava e aos poucos vêm conquistando seu espaço, avançando cada vez mais nas profundezas do saber.

Os principais seres mitológicos da Grécia Antiga foram:

Heróis: criaturas mortais, filhos de deuses com seres humanos. Exemplo: Hércules e Aquiles.

Ninfas: seres femininos que residiam nos campos e bosques, irradiando alegria e felicidade por onde passavam.

Sátiros: vulto com corpo de homem, chifres e patas de bode.

Centauros: corpo constituído por metade homem metade cavalo.

Sereias: mulheres com metade do corpo em formato de peixe, seduziam os marinheiros com seus cantos fascinantes.

Górgonas: espécie feminina, com formato de monstros e cabelos de serpentes. Exemplo: Medusa

Quimeras: combinação de leão com cabra lançava fogo pelas ventas.

Os principais deuses foram:

Zeus – divindade de todos os deuses, senhoril do Céu.

Afrodite – diva do amor, sexo e beleza.

Poseidon – divo dos mares

Hades – deus dos mortos, dos cemitérios e do subterrâneo.

Hera – deidade dos casamentos e da maternidade.

Apolo – divindade da luz e das obras de artes.

Artemis – diva da caça.

Ares – divindade da guerra.

Atena – deidade do saber e da paz.
Benfeitora da cidade de Atenas

Hermes – divo que representava o comércio e as comunicações

Hefestos – deus do fogo e do trabalho.

TEXTO COMPLEMENTAR

A palavra filosofia tem origem grega. O termo *philia* significa amizade e *sophia*, sabedoria. Temos assim a “amizade pela sabedoria”, o desejo de estar próximo do saber, do conhecimento verdadeiro. Se pensarmos que a filosofia é a ação de refletir sobre tudo, que é a investigação curiosa para descobrir a verdade das coisas, então a filosofia surgiu com o primeiro homem racional. Porém, a curiosidade alicerçada em uma forma de pensar lógica e racional só surgiu muito tempo depois. A filosofia, como a entendemos hoje, tem seu início no século VI a.C., na Grécia Antiga. Poderia ter surgido em qualquer lugar, mas naquele momento da história diversas coisas ocorriam para que ali fosse seu começo. A Grécia Antiga vivia um momento de auge de sua cultura. O comércio com outros povos trouxe conhecimento. A produção artística era muito ativa. Havia os jogos olímpicos. A linguagem, moeda e tecnologia (de arquitetura e militar) também marcaram esse período. Entretanto, naquele momento, iniciou-se uma nova tentativa de responder os questionamentos sobre a existência. Se, para alguns, as narrações fantásticas da mitologia serviam para explicar o mundo, suas catástrofes, seu clima, sua organização, sua origem; outras pessoas começaram a procurar respostas fora dos mitos. Tales de Mileto (624-5 – 556-8 a.C.) é considerado o primeiro filósofo. Os fragmentos que restaram de seus escritos nos mostram a tentativa dele em explicar sobre o que forma o mundo. Para ele, existe um elemento material que forma todas as coisas, a água. Podemos encontrar água em todos os locais. Ao furar o solo, se nos cortamos, dentro do tronco das árvores, nas rochas das nascentes dos rios. Se a água está em tudo, é porque ela forma tudo. Esta maneira de explicar o mundo, usando a razão, é que irá diferenciar a filosofia da mitologia. Porém, Tales nunca se chamou filósofo. A palavra “filósofo” apareceu anos mais tarde, com um homem chamado Pitágoras (570-1 – 496-7 a.C.). Ele, famoso hoje pelo teorema matemático que leva o seu nome, é que se considerou um “amigo da sabedoria”.

O Iluminismo

Este movimento surgiu na França do século XVII e defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. Segundo os filósofos iluministas, esta forma de pensamento tinha o propósito de iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade.

Os ideais iluministas

Os pensadores que defendiam estes ideais acreditavam que o pensamento racional deveria ser levado adiante substituindo as crenças religiosas e o misticismo, que, segundo eles, bloqueavam a evolução do homem. O homem deveria ser o centro e passar a buscar respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé.

Século das Luzes

A apogeu deste movimento foi atingido no século XVIII, e, este, passou a ser conhecido como o Século das Luzes. O Iluminismo foi mais intenso na França, onde influenciou a Revolução Francesa através de seu lema: Liberdade, igualdade e fraternidade. Também teve influência em outros movimentos sociais como na independência das colônias inglesas na América do Norte e na Inconfidência Mineira, ocorrida no Brasil.

Para os filósofos iluministas, o homem era naturalmente bom, porém, era corrompido pela sociedade com o passar do tempo. Eles acreditavam que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais a todos, a felicidade comum seria alcançada. Por esta razão, eles eram contra as imposições de caráter religioso, contra as práticas mercantilistas, contrários ao absolutismo do rei, além dos privilégios dados a nobreza e ao clero.

Os burgueses foram os principais interessados nesta filosofia, pois, apesar do dinheiro que possuíam, eles não tinham poder em questões políticas devido a sua forma participação limitadas. Naquele período, o Antigo Regime ainda

vigorava na França, e, nesta forma de governo, o rei detinha todos os poderes. Uma outra forma de impedimento aos burgueses eram as práticas mercantilistas, onde, o governo interferia ainda nas questões econômicas.

No Antigo Regime, a sociedade era dividida da seguinte forma: Em primeiro lugar vinha o clero, em segundo a nobreza, em terceiro a burguesia e os trabalhadores da cidade e do campo. Com o fim deste poder, os burgueses tiveram liberdade comercial para ampliar significativamente seus negócios, uma vez que, com o fim do absolutismo, foram tirados não só os privilégios de poucos (clero e nobreza), como também, as práticas mercantilistas que impediam a expansão comercial para a classe burguesa.

Principais filósofos iluministas

Os principais filósofos do Iluminismo foram: John Locke (1632-1704), ele acreditava que o homem adquiria conhecimento com o passar do tempo através do empirismo; Voltaire (1694-1778), ele defendia a liberdade de pensamento e não poupava crítica a intolerância religiosa; Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), ele defendia a idéia de um estado democrático que garanta igualdade para todos; Montesquieu (1689-1755), ele defendeu a divisão do poder político em Legislativo, Executivo e Judiciário; Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783), juntos organizaram uma enciclopédia que reunia conhecimentos e pensamentos filosóficos da época.

Razão

Razão é a capacidade da mente humana que permite chegar a conclusões a partir de suposições ou premissas. É, entre outros, um dos meios pelo qual os seres racionais propõem razões ou explicações para causa e efeito. A razão é particularmente associada à natureza humana, ao que é único e definidor do ser humano.

A razão permite identificar e operar conceitos em abstração, resolver problemas, encontrar coerência ou contradição entre eles e, assim, descartar ou formar novos conceitos, de uma forma ordenada e, geralmente, orientada para objetivos. Inclui

raciocinar, apreender, compreender, ponderar e julgar, por vezes usada como sinónimo de inteligência.

Como uma forma de chegar a conclusões, é frequentemente contraposta não só com o modo como os animais não-humanos parecem tomar decisões, mas também com a tomada de decisões baseada na autoridade, na intuição, na emoção, na superstição ou na fé. A razão é considerada pelos racionalistas a forma mais fiável de descobrir o que é verdadeiro ou melhor. A forma exacta como a razão difere da emoção, fé e tradição é controversa, dado que as três são consideradas potencialmente racionais, e, em simultâneo, potencialmente em conflito com a razão.

A principal diferença entre a razão e outras formas de consciência está na explicação: o pensamento é tanto mais racional quanto mais conscientemente for pensado, de forma que possa ser expresso numa linguagem.

Os filósofos racionalistas opõem a **razão** à imaginação. Enquanto empregar a imaginação é representar os objetos segundo as qualidades secundárias - aquelas que são dadas aos sentidos -, empregar a razão é representar os objetos segundo as qualidades primárias - aquelas que são dadas à razão.

A etimologia do termo vem do latim *rationem*, que significa *cálculo, conta, medida, regra*, derivado de *ratio*, particípio passado de *reor*, ou seja, *determino, estabeleço*, portanto, *julgo, estimo*. É a faculdade do homem de julgar, a faculdade de raciocinar, compreender, ponderar.

Empregada em filosofia, a palavra razão comporta vários significados:

A razão como característica da condição humana, quando se define o homem, por exemplo, como animal racional, ou se diz que alguém está no uso da razão ou a perdeu;

Princípio ou fundamento, a razão pela qual as coisas são como são ou ocorrem os fatos desta ou daquela maneira.

A razão não é uma instância transcendente, dada de uma vez por todas, mas um processo que se desdobra ou realiza ao longo do tempo. Dir-se-ia que, assim como o homem é a história do homem, a razão é a história da razão.

Zenão de Eleia, identificando a razão com o ser e admitindo que o princípio de identidade, formalmente entendido, é o princípio fundamental da razão, argumenta para provar que o movimento e a pluralidade, envolvendo contradição, são irracionais e, portanto, irrealis, meras ilusões dos sentidos.

A razão, entendida como diálogo, não tem um conteúdo eventual, mas permanente, o conhecimento de si mesma e das essências das coisas, do universal. A razão socrática é o método que permite, pelo diálogo, proposição da tese, crítica da tese ou antítese, chegar à síntese, a essência descoberta em comum, ao termo da controvérsia.

É na filosofia de Hegel que se encontra a primeira tentativa de introduzir a razão na história.

Hegel

A razão rege o mundo, a história universal transcorre racionalmente, mas a razão que se manifesta ou revela na história é a razão divina, absoluta. É a razão que constitui a história.

A razão vital, a razão histórica, nada aceita como simples fato, mas tudo fluidifica no *in fieri* de que provém e ao qual se dirige, procurando ver não o fato cristalizado ou feito, mas fazendo-se ou como se faz.

Para essa oposição entre o que é da imaginação e o que é da razão ver Descartes, *Regras para a Orientação do Espírito*.

Moral

A moral procura definir o que se deve fazer o que deve acontecer. Neste aspecto distingue-se do conhecimento cujas leis determinam universalmente o que é ou o que

acontece. Kant procurou demonstrar que era possível formular para a moral leis universais como as do conhecimento científico. Estas leis tinham que ser formuladas à priori, isto é, sem levarem em conta os atos efetivamente praticados, quer fossem bons ou maus. O legislador supremo da moralidade é a razão humana.

Razão e Moral em Kant

Para o filósofo Immanuel Kant, a razão humana fornece aos homens uma capacidade moral de saber como agir frente a uma lei geral a qual todos aqueles que por serem racionais estabelecem para si. Para Kant, somente quem é racional, é capaz de fazer leis que fundamente e limitem suas ações, diferentemente dos irracionais, como por exemplo os animais, que são presos somente a leis naturais. Segundo Kant, o ser racional tem consciência de que suas ações derivam de uma liberdade que é inerente a si mesmo. Essa liberdade consiste no fato de que, segundo Kant, apesar das mais demasiadas vontades que o indivíduo racional pode ter, este tem algo de especial que é poder escolher aquilo que a razão reconhece como necessário e bom em detrimento da satisfação de intenções e necessidades naturais. A razão tem, portanto, segundo Kant, o poder de influenciar à vontade no sentido de torná-la uma vontade boa em si mesma. Segundo Immanuel Kant, para que a razão produza uma vontade que seja boa em si mesma, ela deve impor uma lei que deve ser obedecida e que nela seja abstraída qualquer vontade empírica ou inclinações nas quais prevaleçam as paixões e interesses particulares e individualistas. Para Kant, essa lei é dada pelo dever. Não o dever que define um determinado comportamento para uma determinada circunstância, mas um dever que é universal, imperativamente válido para qualquer ação moral e para todos os racionais. O imperativo é: “haja de tal forma segundo a qual a ação deve ser universalizada”. É importante notar que, esse dever, o qual nada mais é do que uma lei moral, foi criado pelos mesmos seres racionais que lhe obedecem. Dessa forma, segundo Kant, uma ação terá valor moral quando for realizada pelo dever de ser realizada, não aquele dever que é imposto, mas aquele que se faz conforme a lei moral estabelecida pela razão e, por isso, se faz por amor a ação.

A confusão que acontece entre as palavras Moral e Ética existem há muitos séculos. A própria etimologia destes termos gera confusão, sendo que Ética vem do grego “ethos”

que significa modo de ser, e Moral tem sua origem no latim, que vem de “mores”, significando costumes.

Esta confusão pode ser resolvida com o esclarecimento dos dois temas, sendo que moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem em sociedade, e estas normas são adquiridas pela educação, pela tradição e pelo cotidiano. Durkheim explicava moral como a “ciência dos costumes”, sendo algo anterior a própria sociedade. A Moral tem caráter obrigatório.

Já a palavra Ética, Motta (1984) se definiu como um ***“conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social”***, ou seja, Ética é a forma que o homem deve se comportar no seu meio social.

A Moral sempre existiu, pois, todo ser humano possui a consciência Moral que o leva a distinguir o bem do mal no contexto em que vive. Surgindo realmente quando o homem passou a fazer parte de agrupamentos, isto é, surgiu nas sociedades primitivas, nas primeiras tribos. A Ética teria surgido com Sócrates, pois se exigiu maior grau de cultura. Ela investiga e explica as normas morais, pois leva o homem a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência. Vásquez (1998) aponta que a Ética é teórica e reflexiva, enquanto a Moral é eminentemente prática. Uma completa a outra, havendo um inter-relacionamento entre ambas, pois na ação humana, o conhecer e o agir são indissociáveis.

Em nome da amizade, deve-se guardar silêncio diante do ato de um traidor? Em situações como esta, os indivíduos se deparam com a necessidade de organizar o seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de ser cumpridas. Tais normas são aceitas como obrigatórias, e desta forma, as pessoas compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Porém o comportamento é o resultado de normas já estabelecidas, não sendo, então, uma decisão natural, pois todo comportamento sofrerá um julgamento. E a diferença prática entre Moral e Ética é que esta é o juiz das morais, assim Ética é uma espécie de legislação do comportamento Moral das pessoas. Mas a função fundamental é a mesma de toda teoria: explorar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade.

A Moral, afinal, não é somente um ato individual, pois as pessoas são, por natureza, seres sociais, assim percebe-se que a Moral também é um empreendimento social. E esses atos morais, quando realizados por livre participação da pessoa, são aceitos, voluntariamente.

Pois assim determina Vasquez (1998) ao citar moral como um “sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal”.

Enfim, Ética e moral são os maiores valores do homem livre. Ambos significam "respeitar e venerar a vida". O homem, com seu livre arbítrio, vai formando seu meio ambiente ou o destruindo, ou ele apoia a natureza e suas criaturas ou ele subjuga tudo que pode dominar, e assim ele mesmo se torna no bem ou no mal deste planeta. Deste modo, Ética e a Moral se formam numa mesma realidade.

